

OLHANDO PARA TRÁS

LOOKING BACK

MARIA TERESA ARAUJO SILVA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRAZIL

RESUMO

Este texto descreve o caminho de uma pesquisadora procurando entender o comportamento. De um ponto inicial em que via na psicologia apenas o lado humano da prática clínica passei a compreender, através do Professor Keller, a abrangência da análise comportamental, em seu aspecto experimental e biológico. Meu trabalho de pesquisa sobre drogas psicoativas focalizou esse universo, e acentuou para mim a importância das neurociências. Atualmente, vejo a convergência entre análise comportamental e neurobiologia como um caminho promissor para o progresso da nossa ciência. Olhando para trás, vejo este percurso como a clara resultante de uma afortunada convivência com mestres e alunos.

Palavras-chave: análise comportamental, neurobiologia, drogas psicoativas, ensino

ABSTRACT

This text describes the pathway followed by a researcher trying to understand behavior. From a departure point in which only the human clinical side of psychology was considered I began to understand, through the teachings of Professor Fred Keller, the vast comprehensiveness of behavioral analysis in its experimental and biological aspects. My research on psychoactive drugs focused these aspects, and emphasized for me the importance of neurosciences. I see the confluence of behavioral analysis and neurobiology as a promising pathway for psychology's progress. Looking back, I see this trajectory as a clear outcome of a lucky influence from teachers and students.

Key words: behavioral analysis, neurobiology, psychoactive drugs, teaching

Meu primeiro interesse em psicologia foi o aspecto clínico. Por isso abandonei o curso recém-criado de Psicologia na velha Maria Antonia, em São Paulo, e permaneci no curso de Pedagogia do "Sedes Sapientiae", onde a tônica da orientação da Madre Cristina Maria era sobre a dinâmica da psicopatologia humana. Por isso também procurei me familiarizar com a prática de técnicas de mensuração psicológica, sob a orientação da Prof. Maria de Lourdes C. Viégas, no serviço de Psicotécnica e Ensino Profissional do Departamento de Águas e Esgotos. E foi ainda buscando uma formação clínica que me inscrevi no programa de pós-

graduação do Teachers College, Columbia University, ao terminar a faculdade em 1961. Perspicaz como sempre, a Madre me aconselhara a procurar uma universidade grande, com várias opções, ao invés de ir para um centro pequeno, excelente apenas para quem quisesse ficar "apertando parafuso".

Creio que, a esse tempo, já sentia a necessidade de maior sistematização teórica e fundamentação empírica para a compreensão do comportamento. Foi então com grande receptividade que absorvi a orientação do Prof. Fred S. Keller, que me foi apresentado por Dora Fix Ventura, e que então lecionava no Depar-

tamento de Psicologia da Columbia University. Fui mais uma das pessoas a quem o Professor fez ver o significado da análise experimental do comportamento. Sempre quis que o conhecimento acadêmico da psicologia fizesse parte da vida – ou então, para que serviria? Até hoje tento entender o mundo, o outro e a mim mesma com o referencial do comportamentalismo. De volta ao Brasil, ainda inclinada à aplicação da psicologia a problemas práticos, trabalhei na elaboração de textos de instrução programada, cuja metodologia derivava de princípios básicos de aprendizagem operante. Meu interesse pelo estudo teórico da aprendizagem levou-me à atividade didática universitária, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, na PUC de São Paulo, e no Departamento de Psicologia Educacional da USP.

Para complementar a atividade docente, pareceu-me importante o contato direto com a pesquisa básica, que procurei em 1966 junto ao laboratório de psicofarmacologia do Dr. Elisaldo A. Carlini, na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, por sugestão de minha amiga Maria Malta Campos. Antes, já me impressionara o efeito de uma droga em uma amiga que sofria a dor de um rompimento afetivo. Após tomar um antidepressivo, sentenciou: “olha o que vale um amor”. Como entender o comportamento sem olhar para o cérebro? Era então o tempo em que a maconha era relativa novidade na classe média, e eu queria saber o que ela fazia. Com seu avental branco e sua disciplina de laboratório, o Prof. Carlini dava na Santa Casa o exemplo da permanente atualização bibliográfica e da devolução pública dos dados colhidos privadamente. Bem mais tarde, revi essa minha curiosidade nos olhinhos brilhantes de alunas de Treino em Pesquisa que queriam enten-

der o como e porquê dos colegas “chegados em um baseado”, e que acabaram fazendo comigo seu mestrado e doutorado. O estudo de drogas psicoativas despertaria meu interesse pelas bases biológicas do comportamento, acrescentando-o à preocupação anterior de controle rigoroso de variáveis no estudo experimental do comportamento. Esse interesse foi progressivamente incentivado por dois anos de pesquisa no laboratório de Psicologia Fisiológica do Prof. Neal E. Miller, na Rockefeller University, pela convivência com sua equipe de trabalho, dentre os quais quero lembrar Jeffrey A. Gray, Lillian Quintão (Lili) e Jay M. Weiss (Weiss, McEwen, Silva, & Kalkut, M. F., 1969; Gray, Quintão, & Silva, 1972), pela elaboração de minha tese de doutorado sob orientação da Dra. Carolina Martuscelli Bori, do Instituto de Psicologia da USP (Silva, 1973 a, 1973 b, 1974), e pelo trabalho de pesquisa na Escola Paulista de Medicina e depois na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Silva, 1977). Lançando mão de várias técnicas comportamentais, concentrei-me na experimentação animal, investigando como fatores fisiológicos centrais e periféricos podem afetar respostas emocionais; e descobrindo também que a relação pode se inverter, os fatores ambientais se sobrepondo ao efeito de variáveis fisiológicas. Minha preocupação com o significado do modelo experimental começou quando me perguntaram, olhando os experimentos do doutorado, “mas como você sabe que é medo?” Mais tarde, eu discutiria com os alunos que medo é um tacto, é o que a gente aprende a chamar de medo.

Quando prestei concurso de ingresso no Departamento de Psicologia Experimental da USP em 1978, meu interesse pela análise do comportamento como ciência biológica já es-

tava consolidado. Dediquei-me a criar uma infraestrutura de laboratório que facilitasse a coleta de dados confiáveis. Obtive auxílios da FAPESP e do CNPq que contribuíram para a montagem gradual do laboratório e para melhoria das condições de manutenção dos animais no biotério. Com alunos e estagiários, fomos aos poucos consolidando uma linha de pesquisa voltada para modelos de comportamento animal em psicofarmacologia, em que se tenta simular a depressão, a ansiedade, a esquizofrenia, a dependência (Silva, Guerra & Alves, 2005). Ao mesmo tempo, mantivemos o interesse por aspectos humanos do comportamento, estudando a dependência de drogas e de jogos de azar. A maior parte dos trabalhos que tenho realizado reflete esses dois focos, tanto do ponto de vista experimental como teórico. Não há como exagerar a participação dos alunos de iniciação científica e de pós-graduação nessa produção. Eles são a alma do processo, com sua criatividade e seu esforço. De minha parte, sempre quis que o sonho fosse reforçado, acreditando na relação de troca horizontal, ainda que às vezes isso me custasse maior unidade nos projetos. Mas eu não queria que dissessem “Eu queria fazer as coisas, e os professores não deixavam. Eram reacionários...”

A esta altura, fico feliz em ver o reconhecimento crescente atribuído ao papel de fatores orgânicos na compreensão do comportamento. A área de Neurociências e Comportamento teve notável desenvolvimento nas últimas duas décadas, em vários centros internacionais de pesquisa, e no Brasil se dá cada vez mais atenção ao estudo interligado de psicologia e ciências biológicas. No Instituto de Psicologia da USP foi criada em 1991 a pós-graduação na área de concentração em Neurociências e Comportamento (NEC), com a qual venho colaborando desde então, por vários

anos como Coordenadora da área, e atualmente como membro da Comissão Programa de Pós-Graduação (CPP). Meus orientandos se distribuem entre essa área e a área de Psicologia Experimental, ambas ligadas ao curso de Pós-graduação em Psicologia. Desde antes de meu ingresso no Departamento, leciono a disciplina de pós-graduação “Regulação do comportamento por agentes químicos”, com sucessivas atualizações como requer o dinamismo da área. Em 1980 incluí outra disciplina, “Modelos comportamentais de psicopatologia”, cujo conteúdo emergiu de demanda dos alunos de Psicologia, que questionavam as conclusões tiradas de experimentos animais e generalizadas para o ser humano. Em nível de graduação, ofereci a disciplina optativa Psicofisiologia, junto com Dora F. Ventura e Niélsy P. Bergamasco, e depois a de Psicofarmacologia, que atrai o interesse de alunos pela sua relação com o uso médico e o uso abusivo de drogas psicoativas. Voltado para essa disciplina, escrevi um pequeno livro de alcance didático, “Drogas: conceitos sem preconceitos” (Silva, 1986), que foi útil também para professores e pais que se deparam com a droga como problema nas escolas ou na família. Mas minha principal atividade didática na graduação, aquela para a qual fui contratada, à qual mais me dediquei e com a qual mais me identifico, está na disciplina obrigatória Psicologia Experimental I. O curso abrange os princípios básicos do Behaviorismo, e oferece aos alunos oportunidade de trabalhar em laboratório com um animal respondendo a contingências do ambiente. Ajudei a montar o atual Laboratório Didático, importando moderno equipamento computadorizado, com auxílios da FAPESP e da Pró-Reitoria de Graduação. Na contínua busca por material didático atual e acessível, traduzi com Maria Amélia Matos, Emmanuel Z. Tourinho e Gerson Y. Tomanari o primoroso livro didático de William M. Baum, “Compreender o

behaviorismo” (1999). Experimental I foi sempre um espaço para trocar idéias e aprender com os outros professores da área, dentre os quais guardo saudades de Ligia M.C.Marcondes Machado e Maria Lucia Dantas Ferrara. Oferecida aos alunos do primeiro ano de graduação, a disciplina é um desafio renovado a cada vez, quando os ágeis, irreverentes e contestadores meninos e meninas de 18 anos obrigam a mim e aos inestimáveis monitores a um constante repensar. Eles colocam os problemas importantes da Psicologia. Se têm dificuldade em absorver conceitos que vêm de cabeça para baixo o modo tradicional de ver o psicológico, por isso mesmo nos fazem dissecar esses conceitos cada vez mais, cada vez de um jeito diferente. É deles que vem o mais precioso reforço.

REFERÊNCIAS

- Baum, W.B. (1999). *Compreender o behaviorismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gray, J.A., Quintão, L., & Silva, M.T.A. (1972). The partial reinforcement extinction effect in rats with medial septal lesions. *Physiology and Behavior*, 8, 491-496.
- Silva, M.T.A. (1986). *Drogas: Conceitos sem preconceitos*. São Paulo: Hucitec.
- Silva, M.T.A. (1973a). Papel do sistema hipófise-adrenal no comportamento emocional de animais. *Ciência e Cultura*, 25, 1038-1051.
- Silva, M.T.A. (1973b). Extinction of a passive-avoidance response in adrenalectomized and demedullated rats. *Behavioral Biology*, 9, 553-562.
- Silva, M.T.A. (1974). Effects of adrenal demedullation and adrenalectomy on an active avoidance response of rats. *Physiological Psychology*, 2, 171-174.
- Silva, M.T.A. (1977). Saccharin aversion in the rat following adrenalectomy. *Physiology and Behavior*, 19, 239-244.
- Silva, M.T.A., Guerra, L.G.G.C., & Alves, C.R.R. (2005). Modelos comportamentais em neurociências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 167-185.
- Weiss, J.M., McEwen, B.S., Silva, M.T.A., & Kalkut, M. F. (1969). Pituitary-adrenal influences on fear responding. *Science*, 163, 197-199.

Encaminhado em 7/1/2005

Aceito em 10/2/2005